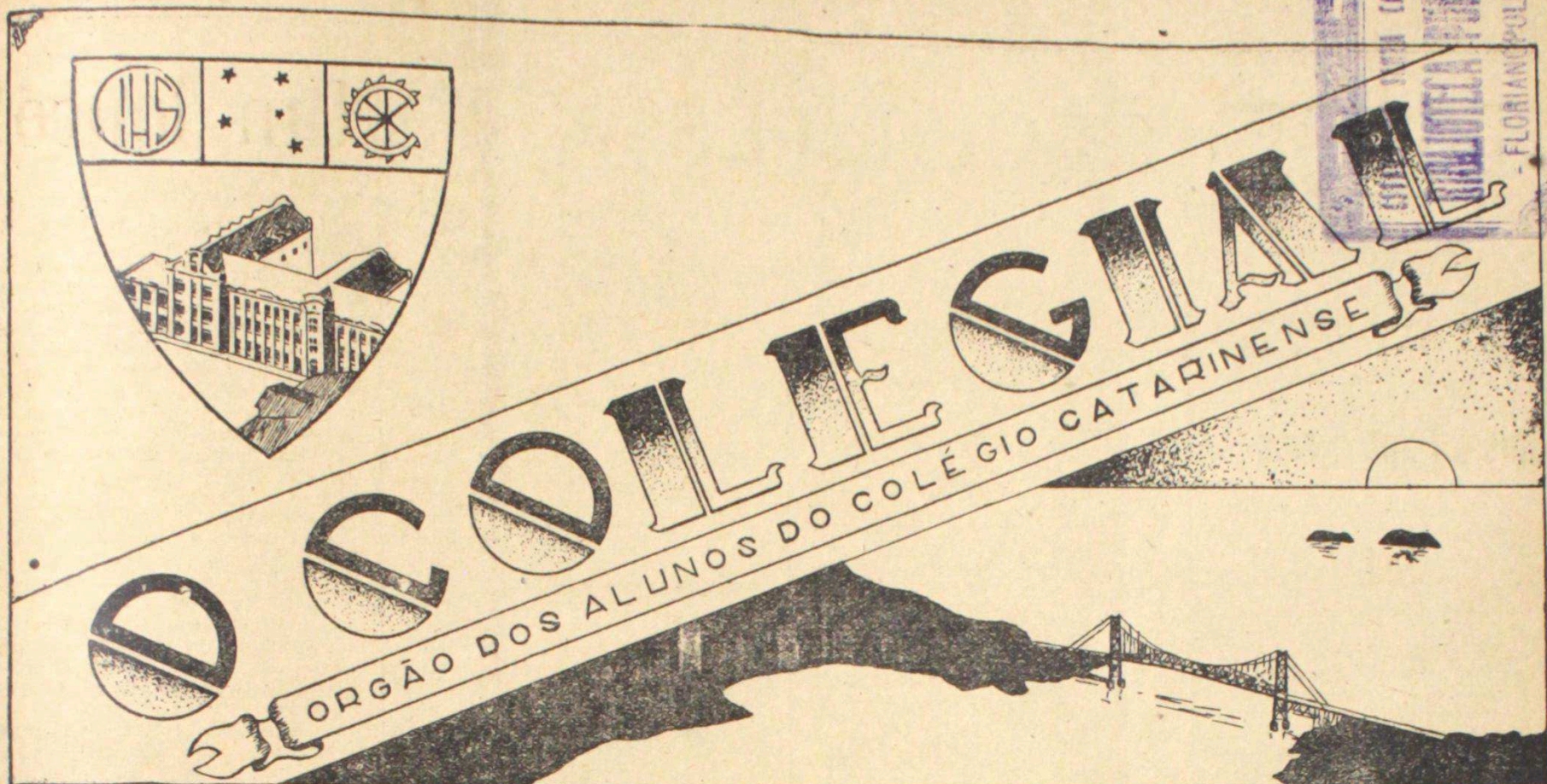




ANO V

Florianópolis, julho de 1949

N. 5

I. A. P. I.

Aposto como poucos dos nossos leitores ouvirem falar do I. A. P. I., mas por certo conhecem o provérbio "O seguro morreu de velho".

Como há uma grande analogia entre ambos procurarei, em poucas palavras, elucidar o que vem a ser I. A. P. I.

Todos devemos cuidar do futuro. Trabalhar enquanto possível e acumular uma pequena reserva, da qual possamos viver, quando doentes ou quando o peso dos anos nos impossibilita de ganhar o nosso pão; assim age um homem prevenido, que alias, vale por dois.

Acontece, porém, que o salário dos operários, por exemplo, nem sempre é suficientemente elevado, a ponto de permitir uma economia, que faculte uma reserva decente.

Mencionemos, por hipótese, para elucidar o assunto, o caso do João, mestre numa oficina de móveis. Ganha de salário mensal Cr\$ 1.000,00, dos quais guarda Cr\$ 100,00. Seu sustento, e o de sua família consomem o resto. Por ano a sua conta corrente no Banco sobe a Cr\$ 1.200,00. Acontece que após um ano de serviço João adoece gravemente. Não pode trabalhar. Que angustia, com mulher, três filhos e... Cr\$ 1.200,00 de economia e gravemente enfermo. A reserva é insignificante, esgotou-se em um mês, deixando João e sua família na miséria. Que fazer? Algo já foi feito, para evitar que tais episódios aconteçam. Os povos civilizados, ao menos, lançaram mão da previdência social. No Brasil para o curto tempo de sua existência está bem desenvolvida. Assim é que em 1938 nasceu o I. A. P. I.

Estas quatro letras, que muitos operários chamam de "A. P. A. I.", "AIPIM" e não sei como mais, significam "Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários".

Felizmente existe o I. A. P. I. Mestre João não mais precisa se preocupar com o seu futuro. Desconta mensalmente 5% sobre o seu salário e garante assim um auxílio ou aposentadoria de aproximadamente 66% do mesmo, quando inativo. Caso venha a falecer a família estará amparada. O Instituto custeia seu enterro até o máximo de Cr\$ 500,00 e garante à me-

tade da aposentadoria que João recebia.

Como é, porém, que o revoltoso Anastácio disse ao compadre que o Instituto pagava a ele a "bagatela" de Cr\$ 260,00 mensais e que tudo aquilo era "uma grande droga" Anastácio esqueceu-se, porém, que o Instituto não paga ao associado quanto quer, o que vai pagar já está determinado por lei (66% sobre o salário médio mensal). Se percebe de auxílio a "bagatela" de Cr\$ 260,00 é porque recebeu de seu patrão um salário insignificante, não superior a Cr\$ 400,00.

Anastácio é dos tais, que inativo, gostaria de receber o salário integral. Mas sim senhor, isto seria uma "canja" e não haveria mais médicos suficientes para examinar os "aspirantes a salário integral sem trabalho".

Evidentemente é uma coisa impossível de se realizar, pagar ao associado inativo, um auxílio correspondente a 100% de seu salário.

Por isso o governo fixou-o em aproximadamente 66% e bem satisfeito ficou Manoel, o pintor da Praça XV, quando recebeu de auxílio do Instituto Cr\$ 1.254,00, que corresponde ao auxílio máximo, relativo ao salário de Cr\$ 2.000,00 mensais.

Podemos então concluir que o Instituto efetua o seguro em massa, de grandes grupos de pessoas, impedindo que no infortúnio fiquem desamparados operários e suas respectivas famílias e o I. A. P. I., em particular, é o que zela pelo futuro dos operários industriários do Brasil.

O pagamento de benefícios é a finalidade principal do Instituto e o I. A. P. I. a está cumprindo fielmente, o que atestam os dois milhões de cruzeiros já pagos, em forma de auxílio funeral, pensão, auxílio pecuniário e aposentadoria.

Além dos benefícios concedidos, dentro de suas possibilidades o I. A. P. I., empresta dinheiro a seus associados, financiando a construção de casas residenciais isoladas e coletivas.

Destas, temos um belo exemplo em nossa capital que é o "Conjunto Residencial do Saco dos Limões", comumente conhecido por "Vila".

(Walter Weinheber)

A TUBERCULOSE

É ela um mal terrível, a tísica! Também entre nós!

São causas da tuberculose: a infecção, a deficiência alimentar, o fumo, o álcool, os excessos de qualquer espécie, especialmente os excessos sexuais.

Associemo-nos à benemérita campanha contra a tuberculose patrocinada pela Liga Paulista contra a Tuberculose!



A tuberculose causa 100.000 mortes por ano no Brasil.

Ajude a deter esse mal avassalador, vacinando-se e aconselhando os outros a se vacinarem com o BGG.

Morre um tuberculoso cada 5 minutos.

O BGG constitui a medida mais importante de defesa da criança contra a tuberculose.

É preferível evitar a tuberculose do que curá-la.

A vacina BGG evita a tuberculose.

O BGG administrado desde tenra idade é medida de alto valor contra a tuberculose.

Essa vacina é dada pela boca; não produz reação de espécie alguma e é fornecida gratuitamente em todo Brasil.

A vacina BGG é a melhor defesa contra a tuberculose.

Ajude-nos a salvar seu filho da tuberculose vacinando-o com o BGG, desde o 4º dia de vida.

Peça instruções ao posto sanitário mais próximo de sua residência.

1º de Julho — Dia do B. C. G.

PIADAS FRACAS

Você sabia?

Que o "Pasteur" é muito fundo em biologia?

Diz cada "batata" em aula?

(Para o quarto ano A)

Problema para os internos da pequena divisão.

Quantas toalhas precisa o "Manduca" para se enxugar?

Duas: uma para enxugar o rosto e outra para enxugar os beijos!

Para o segundo A:

Porque o "Negro Adão" quiz fugir do "Paraíso"?

Qual a pose que o "Deputado" está ensaiando agora?

Para o Curso Médio e o 1º Ano A

Você sabia que o "Sabuginho" esfrega bem, quando briga?

Que o "Pinto louco" está criando juízo?

Você sabia que o prefeito tem pena do "Garcinha" e não tem medo do "Beriberi"?

Que urubú?

Dizem que o "Urubú" gosta mais de pinhão quente que de "cachorro quente"!

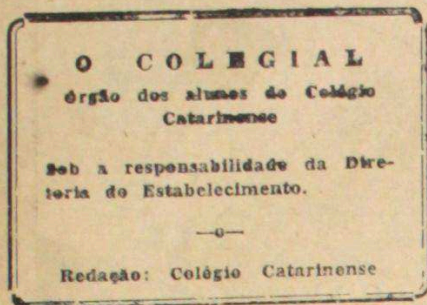
Você sabia que o "Promotor" brigou com o "Bidú" porque disse que ele somente cortaria os cabelos depois do inverno!

Mas como?!

O "Coruja", o "Gorila", o "Canguru" e o "Urubú" fundaram um time de peteca!

Professor: — Quando eu era da tua idade, Juquinha, já sabia ler?!

Juquinha: — Naturalmente! Porque o Senhor tinha melhor professor que eu!



Como o Papa é rico?!!

Em anos passados o Papa recebeu do Rei da Suécia o prêmio e a medalha por ter sido considerado o homem mais humanitário do mundo!

Um Rei protestante ao Papa Católico!

Pois bem.

Este Rei protestante fez justiça a um facto, por poucos conhecido e por muitos ignorado!

A Caridade do Papa!

Passou-se o tempo do luxo e do fausto nos paços do Vaticano. Seguindo o espírito dos tempos, a corte papal, corte como a da qualquer príncipe mundano, não raras vezes ligava de mais ao mundano e ao poder temporal, sempre com prejuízo do espiritual!

Com o roubo dos Estados Pontifícios por parte dos unificadores da Itália (os filhos desses ladrões foram já expulsos da Itália!) o Vaticano ganhou muito na sua atividade espiritual! Sem estar sujeito à política nem às politicagens, pode exercer seu domínio espiritual livremente!

E os países de todo o mundo tem atendido mais que nunca aos apelos do Pai comum, quando implora auxílios pelos pobres, famintos e abandonados!

Que falem os números!

De março de 1944 até 31 de Dezembro de 1947, num pontifícia de assistência distribuiu 9.535.601,416 liras!

Donde tanto dinheiro?!

São esmolas de filhos caridosos que cumprem o mandato de Cristo e atendem ao apelo do grande papa esmoler!

As esmolas foram distribuídas na seguinte forma:

Assistência às crianças	5.818.164.931
Restaurantes populares pontifícios	1.644.007.754
Ajuda individual a indigentes	1.167.345.587
Assistência social (aos falgelados nas inundações do Tibre e na Sardenha)	343.150.000
Higiene	198.995.600
Assistência social	157.644.886
Refugiados e desempregados	73.391.903

Esta assistência nada tem de ver com a assistência missionária, patrocinada por outro sector papal!

Todo o copo d'água dado em nome de Cristo aos pobres será a sua paga no Céu! E cada um pode ajudar aos seus irmãos necessitados, e os há muitos em todo o mundo!

P. A. B. Braun

NOSSOS COLABORADORES

Agradecemos aos Srs. alunos que entraram com artigos para o nosso "O Colegial."

Walter Weinheber
Ivo von Wangenheim
Carlos Doin Malucher
Deoclécio Batista Rodrigues (desenho)

Nota: Estamos sem material... precisamos de alunos colaboradores.

RECORTES

Suzanne Labin publicou um livro que deveria andar em todas as mãos e ser lido por todas as consciências: — "A Rússia de Stalin", em edição de "Agir", com prefácio de Carlos Lacerda. Tem um valor inestimável de documentação, apresentada não como um impacto maciço de papéis enfadonhos que só os técnicos e os estudiosos desbravam, e sim como antologia de leitura fácil em que qualquer leitor encontrará absorção interessada para muitas horas.

Como quem, folheando um álbum, recorda este e aquele autógrafo entre muitos, a seguir damos alguns recortes extraídos dessa obra notável.

Em 1833 o honradíssimo Edouard Herrot esteve na Rússia. Publicou um livro, *Oriente*. A pág. 164 diz, da sua passagem por Kiev: "Estação imensa, em concreto; iluminação axial, políptica montada; é bem o equivalente da capital moderna".

Estavam então em Kiev o Sr. e Sra. Harry Lang, da "American Federation of Labour", correspondentes de jornais americanos. Contaram, por seu lado: — "Durante nossa permanência em Kiev chegou a missão oficial francesa. Foram testemunhas involuntárias da encenação. Na véspera, às 2 da manhã, toda a população foi arregimentada para limpar ruas, casas, reparar calçamento. Dezenas de milhares de braços foram usados em dar aspecto europeu à cidade estragada e suja. Foi proibido fazer filas. Os menores abandonados e os indigentes foram escondidos. Milicianos a cavalo estacionavam nas esquinas, espetáculo inédito para os habitantes..."

Aos que falam nas estatísticas oficiais russas é bom mostrar este curto e cândido recorte dos "Izvestias" (27-XI-1929):

"É preciso colocar as estatísticas nos trilhos socialistas para que não se desligue da luta de classe".

Em certa altura o organismo oficial da estatística foi expurgado, e lê-se no n. 8 do "Bolchevik" de 1937 esta explicação: — "produção é galantemente aumentada no papel. O Estado é sistematicamente enganado por comunicação de êxitos inexistentes".

Declaração de Stalin no chamado VIII Congresso dos Soviéticos (25-XI-1936):

"Quanto à liberdade dos partidos, além do Partido Bolchevista, não se cogita".

Convém ligar a esta declaração e que diz sobre o mesmo "partido" o art. 126 da Constituição russa:

"...único partido político que tem o direito de se organizar na U. R. S. S."

O que ocorre nas ainda chamadas "eleições" rusas é também notável. Assim, em 21-XII-1947, houve eleições e Stalin era candidato por uma circunscrição onde havia 1617 eleitores inscritos. Votaram 131% dos eleitores. E não é calúnia de imperialistas... Em 22-12-47, o *Pravda* esclareceu: — "505 cédulas com o nome de Stalin foram colocadas nas urnas por cidadãos de circunscrições vizinhas, que deste modo quiseram exprimir seu ardente reconhecimento ao Chefe".

Aliás, quanto às mesmas eleições, por todas as tubas da propaganda o governo russo apregoou que o eleitorado do acorrera em massa, dando como número oficial na concorrência às urnas o de 99.99%. Isto quer dizer que de cada 10.000 pessoas, só uma deixou de votar. É notável. Tem apenas o defeito de ser notável demais...

Em cada 10.000 pessoas, todos os dias morre uma, e todos os dias há duas mulheres que dão à luz. Consequentemente, na Rússia, quando são marcadas eleições, combinam as parturientes com os moribundos se na data respectiva um destes pode falecer ou uma delas pode ser Mãe; pois para atingir a percentagem legal na data fixada, ou elas adiam o parto para ele falecer, ou ele adia o falecimento para que uma delas forneça mais um cidadãozinho ao Chefe.

Mil e um aspectos como estes, reveladores da trágica e espantosa mentira que é a vida do povo russo, ressaltam das páginas deste livro em documentação colhida nas próprias fontes russas, e não em diatribes ou raciocínios que possamos julgar inimigos.

Deveriam lê-lo atentamente todos os que procuram, com sincero empenho, conhecer a verdade.

(Transcrito do "Correio da Manhã" de 3-2-49).

O SORRISO DO MINEIRO

O sorriso é a grande arma do mineiro. Não sendo um homem violento, suas armas não são de ferro, são de espírito. Mata mais frequentemente pelo ridículo do que pela bala ou pela faca. Há zonas violentas no Estado. São tidas por zonas bárbaras, que fornecem histórias e casos às demais regiões.

Não é esse o clima mineiro. O clima moral de Minas é a pacatez, é a conversa fiada ou é o trabalho paciente e tenaz.

O mineiro, em geral, não anda armado, senão de sua língua. Essa é a sua grande arma.

Quando um sujeito cai na língua do mundo, em Minas, está perdido. O mineiro sabe cortar um sujeito em pedacinhos, sem deixar o resto. É a sua vingança, contra os mandões, contra os inimigos, contra os arbítrios, contra os maus em geral. Não direi que essas execuções morais respeitem sempre a justiça ou a reputação alheia.

Não direi que não se esconda muita malandragem atrás desse trabalho silencioso das linguas, nos dentes afiados como serrinhas de sáivas, dando cabo de um jasmineiro perfumado numa noite de trabalho bem feito. É natural que assim seja.

Como já disse, não estou aqui traçando um painel idílico dos meus amigos e conterrâneos das Alterosas e apenas procurando esboçar o retrato deles que tenho sempre no meu coração, como na cantiga famosa do ano passado... O mineiro pode falar mal da vida alheia, como todo o mundo fala.

Mesmo assim, só o faz com graça. O mineiro é o mais engraçado dos brasileiros. Usa a mais brasileira das graças. A graça brasileira, não a carioca, nem é a chalaca pesada, nem é o espírito agudo. É o comentário pitoresco a frio, é o caso a propósito, é o apelido acertado, é a meia palavra, uma exclamação, um sorriso, tudo o que o mineiro sabe fazer como ninguém na sua calma pacata e irônica.

Neste ritmo lento da vida em Minas, tudo se faz sem muita pressa, sem muito horário, sem muita ordem. Tudo se arranja com uma naturalidade que nunca passa ao domínio da rigidez geométrica. Dos dois espíritos clássicos, definidos por Pascal, logo se conclui que o mineiro é todo — *esprit de finesse* e nada *esprit de géométrie*.

(Alceu A. Lima, *Voz de Minas*, páginas 31-33)

Um louco!

— Ele está é de cabeça virada, pensava o padre Borel, talvez até a pêrca...

Era esta a opinião da maioria dos padres de Turim, que o censuravam por seduzir os jovens de suas paróquias. Notai que nenhum dos protegidos de Dom Bosco havia frequentado alguma, antes de conhecê-lo. Pouco importa. Dom Bosco havia frequentado alguma, antes de conhecê-lo. Pouco importa. Dom Bosco tinha êxito; seus colegas, neste particular, nada faziam.

Também não foram eles os últimos a insinuar que Dom Bosco estava louco e que sua santa vagabundagem comprometida a Igreja e desonrava a batina.

O marquês de Cavour, governador de Turim, chamando-o, intimou-o a dissolver no mais breve prazo possível seu bando de amotinadores.

— Não faço política, respondeu Dom Bosco, obedecerei a meus superiores.

A marquesa de Barolo, cada vez menos indulgente com suas fantasias, disse-lhe que escolhesse: ou o "Refúgio", onde conservava o lugar de capelão, ou o "Oratório"; perderia neste caso todos os seus recursos!

— Não posso afastar-me, explicou ele a sua benfeitora, do caminho que a Providência me traçou. Minha escolha está feita.

— Prefere seus vagabundos a meu orfanato! exclamava a irascível dama.

A loucura aumentava. Discutiram, e depois de rápida averiguação, que confirmou o diagnóstico, decidiram pô-lo "em repouso", num hospício. Não havia ele confessado a seu inquisidores que sonhava fundar uma ordem? E como estes perguntassem como seria o hábito dos religiosos:

— "Vesti-los-ei com a virtude", respondera.

Irão pelas ruas em mangas de camisa, como operários pedreiros. Isto era para mostrar-lhes que o hábito não faz o monge, e que a pobreza nunca era de mais para um verdadeiro apóstolo.

Informando da notícia, ou talvez avisado em sonho, não se espantou com a inesperada visita de dois honrados padres de Turim; um deles era pároco de Santo Agostinho.

Vieram de carruagem. Depois de conversarem algum tempo, propuseram uma "volta" pelas redondezas.

— Um pouco de ar lhe fará bem.

Dom Bosco aceitou. Por deferência, por ser o mais moço, recusou-se, apesar da insistência, a entrar na carruagem em primeiro lugar.

Quando já estavam ambos instalados, ele bateu a porta e gritou:

— Para o hospício, depressa cocheiro. Estão esperando estes dois senhores lá.

Quando estes lá desceram, estavam tão furiosos que passaram por loucos, e quase foram internados.

Ninguém mais tentou prejudicar a liberdade do apóstolo.

(Henri Gbéon, *São João Bosco*, pag. 104/105.)

CHURRASCO DA SAUDADE

Dia 12 de Junho viu reunidos à sombra da figueira, na sua tradicional festa, os antigos alunos do Colégio Catarinense!

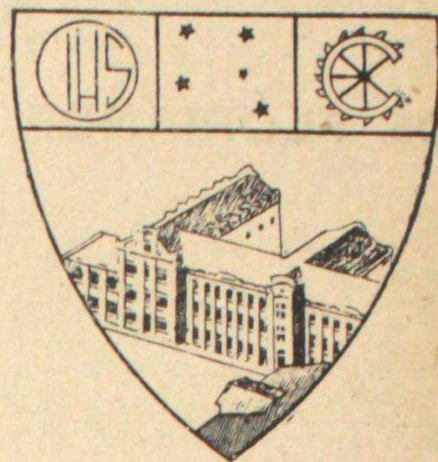
Depois da Missa, às 11,30 horas, teve lugar a churrascada, com discursos, seguidos de cantos e um futebol sensacional.

Noutro número daremos uma relação pormenorizada sobre tudo e todos.



Direção: Jorge Cherem

Ilustrações: João Luiz Mello

COLEGIAL 8 X GUARANI 2 -
(Palhoça)

Estivemos em contácto com diversos players do Colegial, procurando colher suas impressões sobre a peleja que foi disputada a domingos atrás.

O primeiro a encontrarmos foi o patricio Kalil, que com aquela amabilidade que lhe é peculiar nos atendeu prontamente.

— Kalil o que pensa você sobre a peleja Colegial x Guarani de Palhoça?

“O Colegial dominou totalmente seu adversário, merecendo amplamente a vitória. A linha intermediária e o ataque estiveram num grande dia. Barata, foi o melhor elemento da vanguarda, seguido de perto por Hécio. Na defesa Nauro foi o player dominante. Cid acompanhou bem a magnífica atuação de Nauro.

Em suma, o triunfo do Colegial em gramado desconhecido foi belíssimo.

Despedimo-nos do excelente guardião do Colegial para entrevistarmos outro.

Encontramos Barata, a grande revelação do team do Colegial.

Eis o que nos disse o grande forward:

“O Colegial não encontrou a menor dificuldade para derrotar esmagadoramente seu antagonista. Na minha opinião o ponto alto do quadro foi a linha média, que apoiou de maneira magistral a vanguarda. Os elementos mais destacados foram — No ataque: Hécio e Rebelo (este sem se importar em marcar tentos, mas construindo inteligentemente para seus companheiros) — Na defesa Nauro foi o melhor.

Por fim nos encontramos com o seguro zagueiro do Colegial, Newton Vaz, nosso amigo do peito.

Newton, nos declarou o seguinte:

O jogo foi bom. A defesa do Colegial atuou dentro do campo do Guarani.

Os elementos mais destacados foram: Cuca, Hécio — Pinto (regular).

— E sobre o trio final, Newton?

“O trio final esteve excelente — Kalil bastante seguro (a não ser no primeiro goal do Guarani, uma falha sua) — Rubinho também atuou bem... e e.

— Já sei Newton, não precisa dizer. Você disputou ótima partida. Um companheiro seu já me disse.

— E sobre a torcida, Newton?

“Quando faltavam 30 minutos para o final da partida, desanimada abandonou o campo. O árbitro teve magnífica atuação.

— X —

Depois de entrevistarmos os três craks do 1º quadro, colhemos as impressões de Helinho, eficiente, extrema esquerda do quadro secundário.

Eis o que nos disse Helinho:

Atacamos o tempo todo, entretanto, sem chance alguma. Todos os elementos jogaram num mesmo nível.

Lula, o outro extrema do “Leão Da Esteves Junior” teve também oportunidade de falar à reportagem de “O Colegial”.

“O Colegial dominou totalmente a partida. Entretanto a falta de sorte nos perseguiu espetacularmente. Grandes oportunidades perdemos de marcar tentos.

— X —

FUTEBOL NA LIGUINHA

Esteve muito animado o turno do campeonato de futebol na liguinha.

Os cinco times compareceram sempre completo aos jogos, fator esse que contribuiu para o bom resultado do campeonato. A colocação dos quadros é a seguinte:

1º lugar: Atlético, com 7 pontos perdidos.

2º lugar: Botafogo, com 9 pontos perdidos.

3º lugar: Flamengo, com 16 pontos perdidos.

4º lugar: Palmeiras, com 17 pontos perdidos.

5º lugar: Ipiranga, com 19 pontos perdidos.

— X —

ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA
COLEGIAL

A vocês, atuais componentes da A. D. Colegial, que recomeçaram a fazer de novo falar-se no Colegial nos meios esportivos do Colégio Catarinense e da capital, desejaria dizer o que foi a vida da associação por vocês agora integrada.

Lendo o “Colegial” de maio de 1949, foi-me trazido ao presente, o passado da A. D. Colegial. Fui eu um de seus fundadores, e nela permaneci até 1947. Acompanhei bastante de perto todos seus passos, suas dificuldades, suas vitórias.

Onten eramos nós a formarmos “os meninos de ouro”, hoje vocês assim também o fazem; ontem tínhamos o grande amigo — o P. Nunes, vocês têm agora o não menos merecedor de admiração o P. Henrique.

Tanto no passado como agora vive o Colegial dentro desta urna grandiosa: o Colégio Catarinense.

Desde o primeiro dia de sua vida oficial (25 de Março de 1944) a A. D. Colegial, começou a trilhar o caminho glorioso guiado sabiamente pelo P. Nunes.

Era uma agremiação recém-fundada, mas que era também um veterano, pois já havia caído, duas vezes, perante ele, o Paula Ramos, campeão citadino de 1943.

A dedicação de todos os componentes era sempre com aquele amor sadio á camiseta azul e branca.

A equipe titular, composta por: Jonas, Ivaní, Katcipis, Ivo, Boos, Seara, Haroldo, Perroni, Niltinho, Duduca e Renato, começou a disputar o campeonato citadino de futebol amador. Páginas de vitórias foram escritas nesta primeira etapa.

P. Nunes, o inesquecível, era de-

dicado mentor deste punhado de alunos do Colégio Catarinense.

A trajetória de glórias continuava.

Dia após dia, jogo após jogo, o Colegial adquiria valor e admiradores.

Novos valores apareceram, para maior força dar a equipe e para ocuparem os lugares dos que deixaram o Colegial. A ambição de alguns de nossos companheiros foi a tempestade que não permitiu o Colegial disputar mais o campeonato na primeira divisão de amadores.

Não se abalaram porem os ânimos, o amor pela “camiseta” dos que ficaram fieis. Lutamos contra dificuldades e o Colegial disputaria na segunda divisão. E assim aconteceu.

Numa série de jogos, tornou-se ele o campeão de 46. Brognoli, Papagaio, Memeco, Gordo, Jarbas, Tonolli, João Julio, Nauro, Gil, Ernani, Osmam e outros foram os autores desta façanha. Nesta época, o Flamengo de Laguna pôde ver o valor do Colegial no 3x2 do marcador.

Por motivo da conclusão de seus estudos, segue o P. Nunes para S. Leopoldo. Perda quase irreparável sofreu o Colegial. A despedida, mostrou quão fortes eram os laços da amizade que atavam os corações dos alunos, jogadores e do professor técnico e mentor. Todos sofreram com a separação. O Colegial morria, pela inatividade. A ferida do sentimentalismo por tão grande perda, custava a cicatrizar-se. Neste momento agonizante de sua vida brilhante, tudo parecia inútil, todos os esforços eram fracos contra este duro revez. P. Henrique, este foi o nome que surgiu, uma nova dedicação. Padre Henrique, apercebeu-se logo das dificuldades e entrou na luta contra o manto de impecilhos que sufocava o Colegial. Rasgou-se com sua força de vontade, amizade e abnegação. O Colegial convaleceu e logo tornou-se novamente forte, graças a assistência deste chefe que tomava as rédeas.

O Revmo. P. Prefeito, foi talvez a figura mais destacada nesta luta contra o apagamento do Colegial. Seu apoio á causa foi sem dúvida, o fator necessário para o reerguimento da A. D. Colegial.

Estávamos em 1947. O Colegial inscreveu-se na 1ª divisão e na de aspirantes. Brognoli, Dinhoa, Katcipis, Bito, Gordo, Zico, Jarvas, Pedro, Nazareno, Renato, Motorzinho, Gil, Serverino, Helinho, Duduca, Lauro, Caminha, Dildo, Ernani, Osman, Paulinho, Nauro eram nesta época “os meninos de ouro”.

Os aspirantes sagraram-se campeões de 47: era mais uma façanha.

Nesta época deixei o Colegial.

Em 1948 soube que suas atividades foram nulas.

Neste porem surgem vocês, levantando a equipe do Colégio Catarinense.

Congratulou-me com vocês que também estão imbuídos do amor às mesmas camisetas, as quais

muitas vezes foram suadas pelos que, pelo Catarinense passaram.

Assim é a vida do Colegial, mudam os componentes mas não muda o cenário, o amor, o fato. No mesmo vestiário, nos mesmos chuveiros, no mesmo campo, pertencentes ao mesmo Colégio, estão vocês a continuar a obra que foi o ideal de outros que tiveram idênticas dificuldades, que vocês agora enfrentaram.

O tempo altera os componentes, mas não deixem vocês que sejam modificados, as bases, a direção o ideal da Associação Desportiva Colegial. Tenho a certeza de que saberão vestir a mesma camiseta com igual orgulho que outros tiveram, e irão para a luta, pelo engrandecimento desta agremiação a qual devemos ao Padre Nunes, Padre Prefeito e Padre Henrique.

Deixem-se guiar por esta figura que é o Padre Henrique e assim chegarão a um bom fim.

No Padre Prefeito terão um grande diretor.

A lembrança do inesquecível Padre Nunes darvos-á consolo em vossas derrotas, alegrias nas vossas vitórias.

Continuem a trajetória iniciada pelo Padre Nunes, dentro dos princípios da amizade, obediência e disciplina.

Ayrton Oliveira

— X —

AINDA LEMBRADA A GRANDE
FAÇANHA DO UNIVERSAL

Indiscutivelmente, foi a mais vitoriosa a campanha empreendida pelo Universal na temporada do ano passado — Após um primeiro turno, em que a equipe foi derrotada por quatro vezes, firmou-se o clube definitivamente, no retorno, quando não teve o dissabor de uma única derrota — Ainda, tendo como adversário, uma agremiação bastante valorosa e constituída de otimos futebolistas, como inegavelmente era a do Corinthians — justiça lhe seja feita — o team universal teve destacadíssima atuação em todo o decorrer do certamen, laureando-se ao final do campeonato com grande margem de pontos à frente do Corinthians — Léo-Hamilton - Fernando - Titi - Nado - Torrado e outros contribuíram de maneira decisiva para a brilhante conquista.

Que apareçam nesta temporada outras equipes excelentes, capazes de colocar cada vez mais alto o pavilhão esportivo do nosso educandário. Que os futebolistas das equipes deste ano, encham-se de entusiasmo e estímulo, para empreenderem campanhas vitoriosas e sensacionais.

